RESENHA

Slavoj Žižek.
Mais-gozar: um guia para os não perplexos.
Editora Vozes, 2024, 504 p.

Mario Jorge de Paiva[1]

> Há, no entanto, uma característica deste livro que incomodará muitos leitores […]
> o estilo fica cada vez mais maluco, de modo que o próprio livro pode parecer uma deriva gradual para a loucura.
> Slavoj Žižek

Slavoj Žižek é um autor bem interessante, porém difícil de trabalhar. Já estamos anos lendo ele, desde que encontramos seus livros *Em defesa das causas perdidas* e *Visão em Paralaxe* em um sebo na rua Barata Ribeiro (cf. Žižek, 2008, 2009), mesmo assim pouco o usamos em nossos estudos, e quando usamos foi de forma mais pontual. O motivo de tal dificuldade de apropriação é multifacetado, passa por uma falta de didatismo – leia *Como ler Lacan* e saia entendendo menos Lacan do que antes (cf. Žižek, 2010) –, passa pelo leitor precisar de um aporte teórico prévio para seguir seu raciocínio (sem um básico de Hegel, Marx, Lacan, Badiou, Jacques-Alain Miller etc. a pessoa pode ficar como "cego em

[1] - PUC-RIO

tiroteio"), e há os paradoxos, contradições, mesmo o fato dele criar e trabalhar com teorias *híbridas*, que não só cruzam campos, mas também podem significar coisas bem pouco sondáveis; Slavoj não teria problemas em ser chamado de um idealista, na linha de Hegel. Vejam, por exemplo, seu conceito de acontecimento, que pode ser tanto um grande evento político, mas também algo de foro pessoal, logo uma intrusão inesperada e caótica do real na vida de alguém.

Por tudo isso, pegar um livro como *Mais-gozar* para fazer uma resenha é uma tarefa quase impossível do ponto de vista de uma filosofia "esquemática", e que se proponha na construção de uma verdadeira e final síntese da obra. Para esta resenha, então, tivemos que seguir exatamente o que Žižek propõe quando se apossa de outros autores para ler, ou seja, despedaçá-los, torcer suas obras, aceitar que materialmente talvez essa seja a melhor forma de uma apropriação. Uma ação pontual, incompleta, fora do escopo esperado até pelo próprio autor (talvez). É como Žižek fala, talvez a carta mais importante seja exatamente aquela que não foi enviada, há sempre uma lacuna, uma brecha, impossível de ser preenchida. Nesse sentido, não é entender a obra de Žižek, mas entender nossa leitura da obra de Žižek e então se voltar para a obra de Žižek, ou para algo que Slavoj não tratou. Aqui não é a pura teoria do direito de Hegel, mas é o Hegel de Žižek ou o Marx de Žižek. Aceitemos esse despedaçamento, esse abismo intransponível entre A e A´ é o próprio paradoxo da obra do autor em questão.

Como criticou Roger Scruton. Žižek é uma metralhadora de temas, talvez pouco coesos, mas há, pelo menos, uma vantagem nisso tudo, Žižek repete muitos temas de um livro para outro, logo é possível fazer alguns contornos mais claros do pensamento de Slavoj; como a questão da liberdade *vs* neurociência, certas diferenças conceituais entre Marx e Hegel etc., então já ter tido um contato prévio com o autor ajuda no entendimento do que é, ou parece, importante para Žižek. Sempre se tendo em vista que a verdade surge desse despedaçamento, ou seja, a verdade da obra de Žižek é algo ideal e criado a posteriori. De alguma forma, é como o estudioso de Lênin que pode achar, mediante cortes e torções, partes de seus textos que defendem A ou o exato oposto de A.

O livro *Mais-gozar* é dividido em 5 textos principais, contanto uma parte que funciona como introdução e outra que funciona, de alguma forma, como considerações finais.

O livro abre com um capítulo chamado *Abertura: vivendo num mundo de cabeça para baixo* que fala como Hegel ao abordar a loucura da realidade social do seu tempo usava a expressão "*die verkehrte Welt*", geralmente traduzida

como "*topsy-turvy world"*, assim Žižek quer falar do "mundo de cabeça para baixo" e seus paradoxos, da vida contemporânea e isso envolve o conceito psicanalítico de mais-gozar, contudo Hegel se mostra onipresente na obra também. O livro é sobre a crise múltipla do mundo contemporâneo e como uma catástrofe, enquanto um evento brutal que surge para arruinar nossas ficções simbólicas, pode estar bem perto. Isso também envolve o conceito de ideologia, em que críticas e protestos parecem mais um suplemento ideológico (do capitalismo) do que um questionamento real das premissas do mesmo.

O conceito de mais-gozar aqui envolve um "suborno" do poder em relação as nossas vidas, em que o que obtemos de nossa obediência e renúncia é um prazer pervertido da própria renúncia, um ganho na perda, isso é o mais-gozar; em que o gozo é sempre um excedente, não existe gozo-básico, então Slavoj não quer separar um gozo básico do mais-gozar (Žižek, 2024, p. 14). Todo prazer é capturado em uma teia simbólica, que é marcado por essa torção pervertida, então fica esta questão se é possível sair desse mecanismo de ciclo vicioso de prazer e dor, sendo a resposta de Lacan uma destituição subjetiva (Žižek, 2024, p. 16), que, aliás, é um dos pontos mais importantes do fechamento do livro.

Segundo Slavoj, o livro trata do capitalismo global como forma social e fonte última da loucura de nosso mundo, abordando uma complexa relação entre a crítica marxista da economia política e a ecologia, isso envolve formas de vida psíquica profundamente enraizadas que sustentam relações sociais de dominação e exploração, em que o mais-gozar aparece como o desarranjo básico de nossa economia libidinal, e a destituição subjetiva aparece como o gesto radical (de ruptura) (Žižek, 2024, p. 16). Contudo, aqui acrescentemos, o autor esloveno vai falar de diferentes formas de destituição subjetiva, logo o que está sendo proposto é menos claro do que pode parecer. Ao seu modo, Žižek pelo livro está falando de leituras (recentes) que ele fez, envolvendo Kohei Saito (no tópico do marxismo e ecologia), Gabriel Tupinambá etc., e como ele concilia essas leituras com seu aporte teórico "padrão" (Lacan, Hegel, um marxismo heterodoxo, *and so on*), em que, acrescentamos também, é bem importante frisar tais diferenças que Žižek possui em relação a Saito, Tupinambá etc. Não há, deixemos claro, concordâncias completas aqui.

Como Žižek (2024, p. 18) aponta, ele pega autores clássicos – como Marx e Freud, os dois autores que ele chama das bases da moderna "hermenêutica da suspeita" – e faz uma leitura contemporânea deles, ou seja, é Marx discutindo com a crise ecológica ou Freud discutindo a sociopolítica da psicanálise. Há

uma centralidade de tais autores, pois, para Slavoj, esses podem funcionar como operadores de reviravoltas. Isso é importante, você pode pegar um campo de fenômenos e ao adicionar um conceito, como o mais-gozar, algo que deveria estar equilibrado vê seu equilíbrio ser perdido, e tudo se transforma; dor vira prazer, falta vira excedente, ódio vira amor. Slavoj não fala isso, mas é fácil de ver como aqui ele está voltando, exatamente, para a tão cara discussão do conceito de paralaxe, que faz parte de seu núcleo de conceitos híbridos.

Aqui ele não está só interessado na crítica, mas no que é chamado crítica da crítica (Žižek, 2024, p. 24). Quando Žižek fala da crítica da crítica é o cuidado de se ver quando uma crítica não compartilha das premissas básicas do objeto criticado, em que longe de ser uma ameaça é algo que permite que aquilo funcione.

Mais do que um guia para os perplexos, ele gostaria de tirar as pessoas que estão nas calmas águas da ideologia cotidiana de seu lugar, deixar perplexos os que não estão perplexos, daí o subtítulo do livro.

O próximo capítulo se chama *Onde está a cisão? Marx, capitalismo e ecologia*, como já dito, é um uso de Marx para discutir essa questão ecológica e isso passar pelo livro de Saito, e, como também já dito, pelas discordâncias de Slavoj em relação ao Saito. Isso passa pela forma como, na leitura de Slavoj, Saito rejeita agressivamente a herança hegeliana (Žižek, 2024, p. 31).

A tarefa que se impõe é a formação de uma solidariedade universal, puxar o "freio" do "trem do progresso histórico" antes que desabemos na barbárie pós-capitalista. Há, no capítulo, discussões sobre China, a pandemia de COVID, Elon Musk, Israel, como o capitalismo hoje é mais revolucionário do que a esquerda (tentando proteger o estado de bem-estar social), a perigosa relação entre ciência e grande capital etc.

Slavoj diz que definitivamente não se vê como um socialista democrático, aqui está falando de democracia representativa parlamentar, se vendo como um comunista não democrático (Žižek, 2024, p. 47). Já o anarquismo possui um limite fatídico, afinal essa coisa de que as pessoas deveriam pensar por si mesmas esbarra em um pressuposto, e aqui Slavoj está dialogando com Deleuze, de que as pessoas espontaneamente não querem pensar (Žižek, 2024, p. 47).

O direito nesses termos aparece em si como algo contraditório, pois se baseia em alguma violência ilegal, "lei é lei", aqui, pode significar seu exato oposto (Žižek, 2024, p. 51). Também falando que em nossa época, que liberdade aparece como uma noção central, essa liberdade é falsa. Fala, por exemplo, da falta de um serviço básico de saúde, a liberdade, na verdade, é poder escolher

entre prestadores de serviços de saúde. Está falando que o mundo livre não é tão livre assim, a "liberdade" aqui como um fardo; a sociedade aparentemente livre nos privaria da verdadeira opção de mudança.

Slavoj fala que devemos colocar em primeiro lugar hoje o que alguns chamariam de ecoproletários (Žižek, 2024, p. 69). Lugares em que o meio ambiente é pilhado por potências estrangeiras – aqui fica difícil não pensar no caso recentíssimo da invasão da Venezuela pelo governo Trump, e de como Trump está falando abertamente em se apossar do petróleo do país e governá-lo.

Žižek não vê a natureza como um equilíbrio idílico e também faz uma crítica à ciência, que aparece como uma fonte dos nossos problemas de hoje, mas que ainda é o único meio de aprender e definir ameaças; em outros termos, Žižek não é um anti-vacina, ou algo assim, em sua crítica a ciência. Não quer recuperar saberes pré-modernos etc., tanto é que fala em aceitar radicalmente a desnaturalização da natureza (Žižek, 2024, p. 86).

Está dizendo que a saída para a crise é algum tipo de estado de exceção de impacto global. Afinal, fala (Žižek, 2024, p. 137) que a última saída antes do "suicídio da humanidade" será alguma versão do que foi chamado de comunismo de guerra. Ele não possui um programa político claro, porém acha que se a gente continuar nessa direção nós vamos bater no outro "trem", que é a "luz no fim do túnel". Quer um poder executivo muito mais forte e que garanta o bem-estar mínimo das pessoas em condições catastróficas (Žižek, 2024, p. 138). Há, até seguindo Badiou, uma crítica ao anticapitalismo, que perdeu seu poder subversivo, e ao modelo democrático, como já tinhamos dito (Žižek, 2024, p. 138-139). Quer dissipar o mito da "não violência" em processos de mudança radical.

O próximo texto se chama *Uma diferença não binária? Psicanálise, política e filosofia*. Aqui os pontos principais passam pela obra de Gabriel Tupinambá (e sua leitura de Lacan), pela política (talvez, mais especificamente, como a política entra no processo analítico) (cf. Žižek, 2024, p. 170), pela questões trans e o *queer*, etc.; Miller recebe algumas críticas contundentes aqui, também poderíamos acrescentar. Como um crítico tão frequente do politicamente correto, comparando-o até as perseguições da antiga União Soviética, Žižek também gasta um bom número de páginas discutindo, neste capítulo, a expressão "*kurc te gleda*", algo que parece que se traduz como "deixe um pau dar uma olhada em você" ou "vai tomar no cu" (Žižek, 2024, p. 241).

O próximo capítulo se chama *Mais-gozar: ou porque gozamos nossa opressão*, nele o autor se volta com certa centralidade para a teoria de Lacan, fala, por

exemplo, da virtualidade do Grande Outro (Žižek, 2024, p. 263), algo já muitas vezes tratado em sua obra, mesmo que, como uma metralhadora de temas, misture isso com cinema, séries de TV, Wagner, Foucault e Althusser *vs* a neurociência, e por aí vai.

Aqui está sendo discutido o gozo da alienação. Por isso, uma vez que o desejo nunca é satisfeito, uma vez que ele busca algo além de qualquer objeto realmente disponível, o desejo nos protege da presença excessiva do gozo, o gozo aqui aparece como uma satisfação parcial, que torna viável a alienação do sujeito na ordem simbólica, mesmo que isso não seja agradável e satisfatório de qualquer maneira simples, porque o gozo é um excesso que dá forma para essa falta simbólica (Žižek, 2024, p. 326-327). O gozo é uma forma de defesa contra o vazio ou a pura transcendência do desejo, logo embora perdendo a "Coisa autêntica", existe essa dimensão reflexiva de alcançamos satisfação no próprio ato de perdê-la repetidamente (Žižek, 2024, p. 327). O capitalismo surge como uma ordem social que incorpora o paradoxo básico do desejo humano, isso envolve o excedente em nossa economia libidinal, o que quer que nós alcancemos nunca é "aquilo", assim é o desequilíbrio que define o capitalismo, em que o capitalismo precisa dessa autodestruição e revolução; desejamos um excedente que se esquiva de cada objeto, de modo simples (Žižek, 2024, p. 336).

O último capítulo, *Final: a destituição subjetiva como uma categoria política*, vai tratar mais de diferentes visões sobre esse conceito de destituição subjetiva, mesmo que a metralhadora de temas também continue, discutindo o rock alemão da banda Rammstein, Richard Dawkins, o racismo de Heidegger, Shostakovich, David Lynch etc.

Aqui um ponto central parece ser o conceito de *desmortalidade*, não uma vida após a morte, mas a morte em vida, uma alienação autoabolidora. Conciliando os elementos colocados na introdução, o autor parece dizer que a saída do mundo de cabeça para baixo não é um retorno ao normal, ao mundo seguro, aos costumes, mas abraçar essa existência cabeça para baixo. Aqui, entre outras coisas, vide buscas místicas pelo nirvana, fala da noção da destituição de um agente revolucionário, que se reduz a um instrumento-objeto do processo de mudança social radical, é um obliterar a personalidade, inclusive o medo da morte; também falando de uma explosão niilista social autodestrutiva, mas isso lhe parece limitado (Žižek, 2024, p. 407-408).

O livro, por tudo isso, termina sem nenhuma coordenada claro para uma nova política pragmática, e o que fica é o gosto pessimista de que o "normal" não

existe nesse universo teórico. Aqui a aposta continua sendo uma filosofia do profundo desequilíbrio. Seu estilo, tão pouco coeso, não deixa de ser uma expressão dessa Filosofia do Caos, das mudanças repentinas, inesperadas, das paralaxes do que sempre está faltando.

De uma forma geral, não é o melhor livro para se entender Lacan, Hegel, Marx, mas é uma obra que continua apontando para esta relevância polêmica da confusa e irreverente hermenêutica žižekiana, mesmo que não concordemos com tudo. Impossível esgotar em uma resenha todos os tópicos do livro, mas tentamos criar uma linha minimamente lógica e introdutória.

Referências

ŽIŽEK, Slavoj. *A visão em Paralaxe.* São Paulo: Boitempo, 2008.

ŽIŽEK, Slavoj. Como ler Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ŽIŽEK, Slavoj. *Em defesa das causas perdidas.* São Paulo: Boitempo, 2009.

ŽIŽEK, Slavoj. *Mais-gozar: um guia para os não perplexos. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2024.*